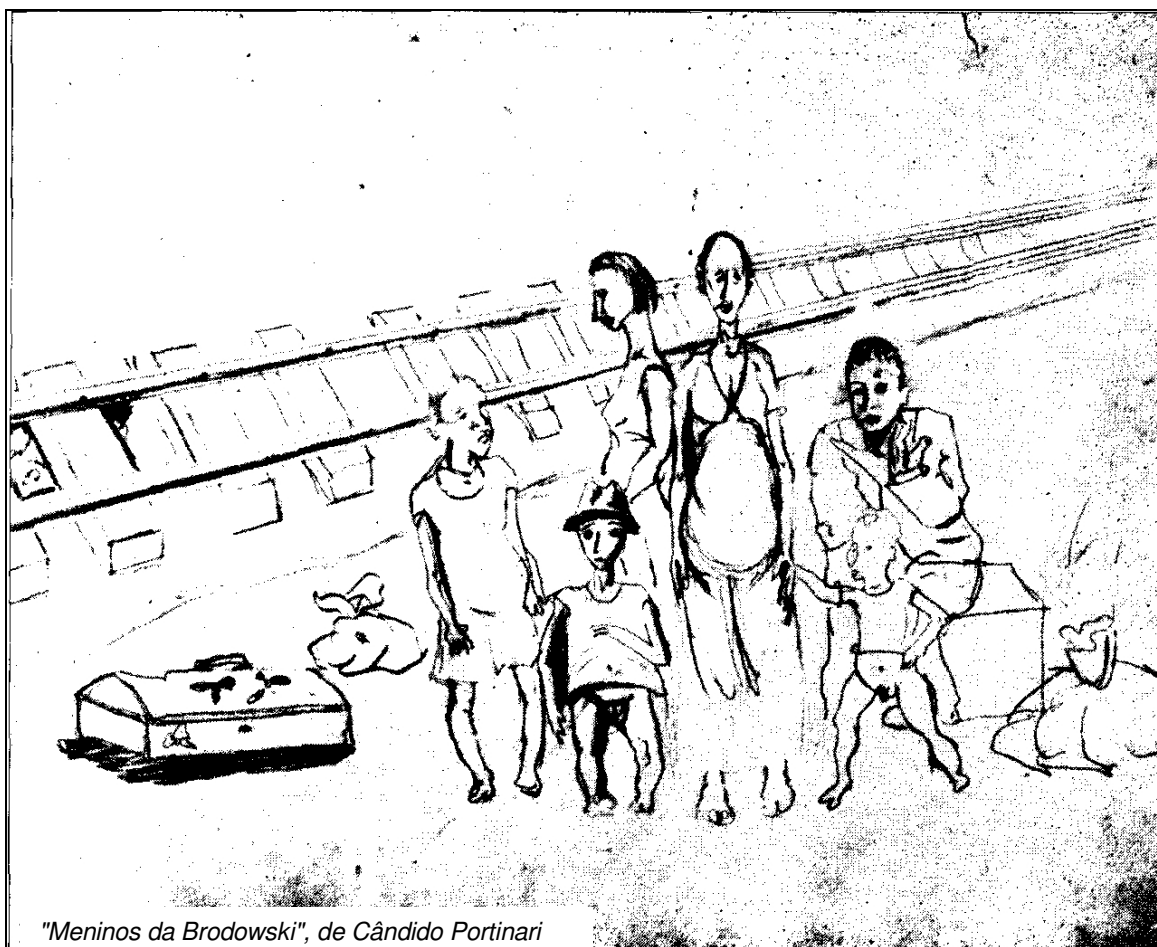

RETRATO DO BRASIL EM CARNE E OSSO

REGINALDO PRANDI



"Meninos da Brodowski", de Cândido Portinari

A prodigiosa acumulação de riquezas produzidas neste país nas duas últimas décadas é apenas uma das faces da nossa história recente. Os números do crescimento econômico brasileiro, irrefutáveis, são a "grande prova" de eficiência apresentada pelos magos e milagreiros de um poder público que, parceiro dos grandes grupos privados (não-nacionais em grande parte), subtraiu ao povo e às suas instituições representativas as decisões econômicas que afetam diretamente o corpo e a cabeça das massas trabalhadoras.

A história do capitalismo no Brasil, no seu anverso, é também a história do povo brasileiro. A história do capital, trabalho morto acumulado, é também a história do trabalho vivo consumido dia a dia, medido em carne e osso – sua objetividade mais incontestável. Para este outro lado da história, é necessário resgatar todo um conjunto de fatos que nos permitam elucidar, pelo avesso, a natureza mais perversa do desenvolvimento brasileiro.

A crescente concentração da renda pessoal é hoje um dos aspectos arqui-nhecidos desse processo, não fosse ela mesma parte da lógica maior que a explica. O modelo de desenvolvimento brasileiro não é simplesmente perverso por sua essencial condição de processo ancorado numa estrutura social de classes necessariamente não-igualitária, esta superável. É sobretudo e objetivamente pelas seqüelas físicas e mentais, estas sim irreparáveis, a que hoje mais de 40% da população brasileira estão expostos por suas condições de subnutrição. Quando se fala, pois, de "carne e osso", não se está valendo de nenhuma metáfora.

O crescimento e desenvolvimento físico dos indivíduos, inclusive a maturação sexual, expressam o resultado das condições sociais a que suas potencialidades genéticas estão submetidas. O peso e a altura dos indivíduos em cada idade são as medidas mais diretas dos padrões de crescimento. Trocando em miúdos, dependem diretamente das condições de alimentação, habitação, saúde etc. Assim, *uma curva de crescimento* de determinada população é a expressão biológica das condições sociais de vida das famílias que a compõem.

Nos agrupamentos humanos resultantes de processos migratórios intensos, as variantes genótípicas, resultantes de isolamentos étnicos seculares, praticamente desaparecem como fonte diferencial de peso e altura.

Estudo recente realizado no Brasil mostrou que o efeito da origem étnica é estatisticamente desprezível quando comparado com aqueles devidos às condições materiais de vida. Igualmente já

é letra morta e velha a tese de que a inadequação nutricional dos filhos era consequência da "ignorância" das mães na seleção e preparo dos alimentos.

A análise das curvas de crescimento obtidas para famílias de diferentes camadas sociais de uma população permite desnudar até onde incidem as diferenças sociais que marcam as condições de existência dessas famílias. Entretanto a constatação pura e simples de que a melhoria nas condições de vida das famílias melhora o padrão de crescimento de suas crianças e adolescentes pode alimentar o reformismo da redistribuição da renda como solução do problema.

Acontece, na verdade, que as curvas de crescimento não dependem apenas dos rendimentos pessoais e familiares, mas de toda a lógica concentradora do capitalismo, que vai muito além da diferenciação salarial.

Uma nova raça

Em nível nacional, as melhores curvas obtidas – aquelas observadas para as camadas mais privilegiadas das regiões mais desenvolvidas do país – passam a se constituir como modelos de referência aos quais deveriam ajustar-se as medidas antropométricas de toda a população.

Numa economia capitalista, que pressupõe a ampliação e expansão do mercado de bens, serviços e força de trabalho por todo o país, os padrões de quantidade e qualidade de desenvolvimento físico e mental passam pela determinação dos custos de reprodução dessa força de trabalho, numa relação custo/benefício estabelecida não pelas diferentes famílias das diferentes classes trabalhadoras, mas pelos interesses capitalistas estabelecidos nas regiões hegemônicas da acumulação do capital.

A ruptura das formas locais e regionais de organização da produção e do consumo pelo mercado nacional, entretanto, impõe agora *necessidades* e modos de vida generalizados a partir desses centros mais dinâmicos da economia. Estes, ao capturarem cada espaço econômico, como a cidade captura o campo, redefinem os valores-de-uso das mercadorias, inclusive força de trabalho, reorganizam a divisão inter-regional do trabalho e toam conta das populações trabalhadoras locais e regionais como um todo, do qual grande parte nada mais é do que reserva nacional de trabalhadores.

A demanda por força de trabalho diversificada em qualidade física e intelectual passa a se valer da reprodução humana também diferenciada, a custos diferentes. A parcelização do trabalho que dispensa o caro trabalhador qualificado,

É preciso
tentar
enxergar
o retrato nítido
do Brasil

O crescimento
em más
condições de
vida deixa
seqüelas
físicas e
mentais
irreversíveis

o desenvolvimento tecnológico que dispensa a força física e mental das massas e a grande disponibilidade de trabalhadores na reserva permitem rebaixar os gastos com pagamento de salários.

Isto implica reduzir os níveis de consumo das famílias dos trabalhadores. Pois uma geração de trabalhadores fortes, bem-nutridos, mas caros, pode perfeitamente ser substituída por duas ou três gerações de trabalhadores frágeis e debilitados reproduzidos a baixos custos, como já se dizia há mais de um século.

Estamos além da extração da mais-valia: fome crônica e desnutrição; no final, a produção de uma raça de anões. E do outro lado, muito do outro lado – e aqui não é possível esconder o corte de classes –, a produção de gigantes, filhos das classes proprietárias não-trabalhadoras e seus funcionários. Produção de gigantes que aparece como a negação da produção de anões, aqueles comensais do trabalho não-pago desses lesados.

Os anões – que não são os de circo, brincadeira malsã do código genético – não são apenas de estatura mais baixa e mais magros. O crescimento de indivíduos em más condições de vida, quando não leva à morte prematura, deixa seqüelas físicas e mentais irreversíveis.

A inadequação endêmica de peso e altura está associada a outros aspectos da desnutrição, como as anemias carenciais e a hipovitaminose A. Os baixos teores de hemoglobina são grandemente responsáveis pela redução da capacidade de trabalho e queda da resistência às infecções. A deficiência de vitamina A leva à cegueira e à morte. E assim por diante.

Para se ter uma idéia da situação da população brasileira, é necessário partir de quadros mais gerais para, num segundo momento, através de casos particulares, entender como o processo de crescimento dos indivíduos está comprometido com a dinâmica da estrutura de classes no Brasil. A partir daí, podemos fazer o caminho de volta, para enxergar por que os melhores níveis de crescimento hoje observados no país não espelham necessariamente o futuro para as classes sociais e regiões, submetidas à ruína física e mental pela desnutrição no presente.

No fiel da balança

É nas regiões mais industrializadas do Brasil que encontramos as melhores curvas de crescimento. Vê-se pelo Gráfico 1 a superioridade da curva do Estado de São Paulo em relação à do Nordeste. E esta melhor curva regional brasileira é muito inferior à curva norte-americana.

Fatores genéticos? Em parte sim, mas não principalmente. Observe-se pelo gráfico que a curva de Cuba, próxima da de São Paulo, é muito superior à curva nordestina. E não há registros histórico-etnográficos convincentes para se aceitar que tais diferenças seriam devidas à formação de "estoques genéticos" responsáveis por fenótipos tão discrepantes.

Veremos adiante como as "especificidades" regionais e locais são insuficientes para se ir mais a fundo na questão. Mas vale a pena deter-se em alguns dados característicos de municípios brasileiros para se ter melhor conta da extensão da desnutrição como endemia nacional.

A prevalência do desenvolvimento físico abaixo dos padrões normais de peso e altura em crianças brasileiras das mais diferentes regiões é alarmante. Eis algumas taxas de crescimento inadequado (leia-se população desnutrida) para algumas capitais: 32% em São Paulo, 40% em Brasília, 47% no Recife, 66% em João Pessoa e Manaus, 71% em São Luís, 73% em Maceió.

Em outros centros urbanos estudados, inclusive municípios da região mais desenvolvida do país, os números são também dramáticos: 46% em Diadema, 50% em Santos, 60% em Brejo da Madre de Deus, 62% em Afogados da Ingazeira, 69% em Caruaru.

Para populações rurais, alguns resultados: 50% no Vale do Ribeira, 69% na Zona da Mata pernambucana, 70% no Vale do Jequitinhonha.

Onde se estudou o fato, foi sempre constatado que o crescimento físico é diretamente relacionado com os meios de subsistência de que as famílias dispõem. Nas cidades, altura e peso são função da renda familiar: no campo, da posse e do tamanho da terra.

Em áreas rurais em que a pecuária vem substituindo a cultura de alimentos, em que as relações de produção já não se baseiam na posse da terra pelo trabalhador, em que parte da renda das famílias dos pequenos proprietários é proveniente da venda de força de trabalho, já não se verifica associação entre posse e tamanho da terra e o estado nutricional das crianças.

Como na cidade, a renda líquida monetária passa a ser o critério "explicativo" – o campo capturado pelas leis que regem a condição proletária. Isto vale especialmente para municípios pernambucanos e paraibanos do "Polígono das Secas", onde vivem cerca de 40%

da população nordestina e onde a desnutrição é regra impiedosa.

No coração do ABC

Da mais "atrasada" região brasileira, passemos à cidade cujos indicadores de desenvolvimento industrial atingem os maiores níveis do país: Santo André, no ABC paulista.

Cidade de 900 fábricas, das maiores médias de salário industrial, terceiro município paulista em população e segundo em arrecadação de impostos *per capita*. Sua população, originária em grande parte das correntes migratórias vindas de todo lugar – especialmente nordestinos, mineiros, mas também paulistas do interior –, tem por história a história das etapas da industrialização brasileira.

Nesta cidade, vamos encontrar as maiores concentrações médias de trabalhadores por fábrica, grande parte nos ramos de ponta da economia: indústria metalúrgica, mecânica, eletroeletrônica e química. Conta ainda com estabelecimentos industriais tradicionais pequenos e médios e vasta rede de serviços e comércio. Estamos no coração do desenvolvimento econômico brasileiro.

Cenário urbano de toda a trama de diversidades sociais forjadas pelo crescimento industrial, Santo André conta com o mais eficaz serviço coletivo de atendimento à saúde infantil do país. Por tudo isso, é um centro ideal para o estudo do crescimento físico dos indivíduos sob condições sociais de desenvolvimento econômico avançado.

Aí se realizaram duas pesquisas exaustivas sobre crescimento dos indivíduos. A primeira em 1968, a segunda em 1978. Nas duas investigações, os indivíduos foram classificados segundo o gasto líquido familiar mensal *per capita* e reunidos em quatro estratos que expressam possibilidades de acesso à ração alimentar mínima por trabalhador, de acordo com critérios do DIEESE. Em termos monetários, os valores de 1978 foram recalculados de modo a serem equivalentes aos de 1968, para permitir comparação no tempo.

As famílias classificadas no estrato superior, denotado por R_4 , dispõem de recursos financeiros para consumir além da ração mínima essencial. Suas condições de vida podem propiciar o pleno desenvolvimento das potencialidades genéticas de seus filhos.

O estrato de gastos logo abaixo, R_3 , permite consumir apenas o mínimo. R_2 representa com R_1 condições de vida já insuficientes para se chegar a esses mínimos vitais – indicações objetivas de total

depauperamento, muito agravadas, evidentemente, no grupo R_1 .

Nas duas pesquisas, constatou-se que o crescimento é função direta das disponibilidades de acesso aos meios de subsistência. Pelo Gráfico 1, pode-se ver que a curva de R_4 , de 1978 é praticamente aderente à curva norte-americana – *sorry*, genética! –, mas muito superior à curva representativa para o conjunto da população do Estado de São Paulo.

Ela representa a curva de crescimento das crianças e dos adolescentes brasileiros filhos das famílias privilegiadas residentes numa das cidades economicamente mais importantes do Estado mais desenvolvido do país.

É claro que, ao se passar de uma classe de gastos para outra inferior, os valores de peso e altura vão sempre diminuindo. Cabe notar, no entanto, que a curva Santo André R_4 sofre, a partir da idade dos 10 anos, uma inclinação que a situa abaixo da curva norte-americana. Trata-se aí de indivíduos nascidos antes de 1968.

Portanto os melhores resultados de crescimento nesta classe superior foram especialmente acentuados a partir desta data.

Ricos e pobres

Mas as classes de gastos não são números meramente abstratos. O grupo superior, R_4 , é constituído predominantemente de famílias de grandes e médios proprietários, gerentes e administradores, profissionais de nível universitário assalariados de grandes empresas, profissionais liberais tradicionais, altos funcionários públicos e encarregados de pessoal.

Em R_3 , grupo que ainda pode contar com o mínimo da ração alimentar, estão presentes os pequenos proprietários, os operários qualificados, os artesãos modernos, os pequenos funcionários públicos.

Nos grupos com renda insuficiente para cobrir os gastos mínimos com alimentação, R_2 e R_1 , temos predominantemente famílias de operários não-qualificados – os peões –, artesãos tradicionais, trabalhadores por conta própria não-estabelecidos, prestadores de serviços pessoais e domésticos e toda ordem de trabalhadores braçais.

Dado que em números absolutos o grosso das classes trabalhadoras está fora de R_4 , e especialmente abaixo de R_3 , a equação de peso e altura como função de gasto ou renda pode ser redefinida em seus termos essenciais.

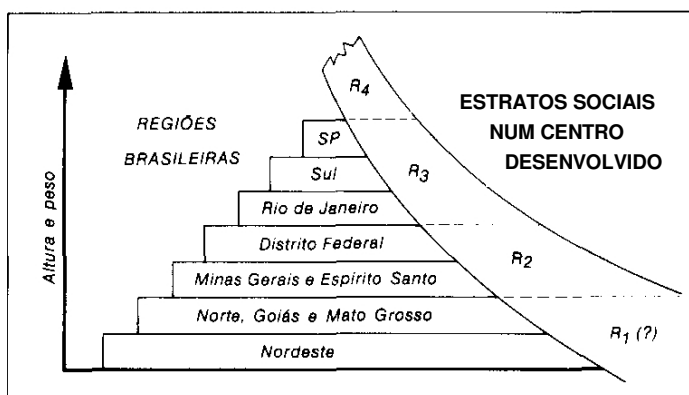
Os dados de peso e altura fornecidos pela pesquisa do IBGE para cada região

Estamos no
centro da
economia
brasileira

brasileira são estatisticamente representativas das populações dessas regiões (amostras expandidas). Os resultados de Santo André expressam valores para estratos sociais pesquisados nesta cidade, não sendo representativos da população local como um todo. Quando se comparam os dados das regiões brasileiras, os melhores resultados, como já foi dito, são os do Estado de São Paulo, seguindo-se, por ordem decrescente, Região Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais e Espírito Santo, Norte e Centro-Oeste e Nordeste.

Os valores de peso e altura obtidos para os estratos sociais estudados em Santo André, comparados com os valores regionais, situam-se da seguinte maneira: as médias de R_4 são superiores às do Estado de São Paulo; as de R_3 estão entre os valores de São Paulo e os do Rio de Janeiro; as de R_2 estão entre as médias do Rio de Janeiro e as da região de Minas e do Espírito Santo.

Para o estrato R_1 não dispomos de estimativas. Representando estas correspondências numa figura de pirâmide (em escala ordinal), teríamos o seguinte:



Vê-se, pois, que as diferenças de classe coincidem com as diferenças regionais. No seu contrário, as desigualdades inter-regionais exprimem relações de classe específicas, em que o econômico, atrelado à divisão do trabalho em nível nacional, comparece no produto social com características próprias, em que está incluída a qualidade da reprodução humana para o capital.

Mas isto não é tudo e talvez nem o mais importante. É necessário verificar o que teria acontecido com o crescimento nestes dez anos que marcam o período mais negro da ditadura no país, especialmente na região-motor da acumulação capitalista, ancorada nas políticas conduzidas *manu militari*.

Se já dispomos de um "retrato" do Brasil, ainda que borrado, é preciso ten-

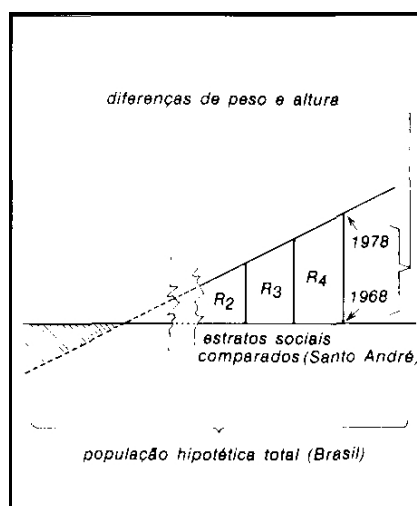
tar enxergá-lo em seu movimento, para se chegar à sua nitidez. Como recomenda o velho método, voltemos a Santo André, para tentar reconstituir o processo em sua linha de frente.

A face perversa

Se compararmos todas as curvas de peso e altura referentes a 1968 e 1978 para cada estrato pesquisado em Santo André, veremos que os valores médios melhoraram em todas elas. Mudanças estruturais estariam empurrando para cima as curvas de crescimento de todas as classes? Sim, em termos absolutos, e não, em termos proporcionais.

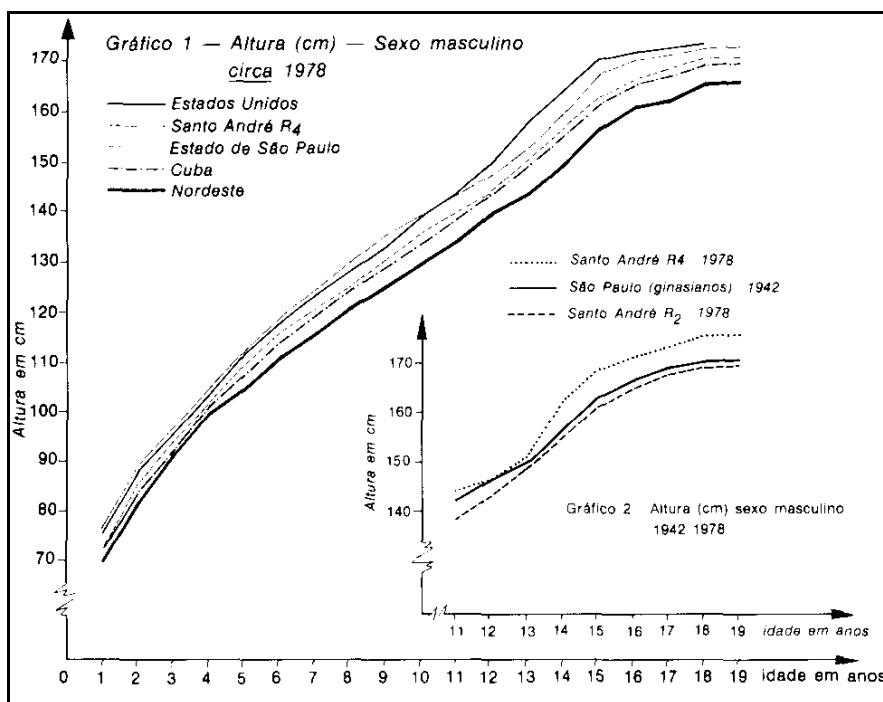
A classe R_4 , a dos proprietários e seus funcionários, obteve, nesses dez anos, ganhos médios de peso e altura de duas a três vezes maiores que os ganhos observados para R_3 e R_2 . (Por razões técnicas da pesquisa, a classe R_1 não pôde ser comparada.)

Lembre-mos de que, no conjunto da população brasileira, a população de Santo André é bastante privilegiada. Os dados apresentados anteriormente para muitos pontos do país atestam isso. Podemos então imaginar que para a população brasileira estaria acontecendo um fenômeno mais ou menos assim:



Em suma, ganhos (e perdas) em peso e altura também são proporcionais aos níveis de vida das famílias. Quem tinha mais cresceu mais. Quem tinha menos cresceu menos. Quem nada tinha... Aliás, dados de peso e altura obtidos em consultórios pediátricos particulares que atendem a famílias de altíssima renda fornecem curvas muito superiores às de R_4 em 1978.

Considerando que as classes de gastos expressam quantidades monetárias equivalentes nos dois anos estudados e que



na verdade elas apenas medem a distribuição diferencial dos "salários"; e considerando que certas necessidades essenciais do crescimento são supridas através dos "salários indiretos", distribuídos pelo poder público na forma de serviços de consumo coletivo, o período 1968-1978 adquire especial importância diante dos fatos apresentados. Foi patente uma clara redistribuição desigual dos "salários indiretos", justamente numa época em que a mordaca imposta pelo Estado repressivo a todo e qualquer movimento popular de reivindicação esteve mais fortemente amarrada.

Durante todos esses anos, em que as condições de vida nas grandes cidades foram-se deteriorando de modo crescente (habitação, transporte, saneamento básico etc.), o acesso às benesses distribuídas pelo Estado manteve ferrenho compromisso com as classes sociais privilegiadas — silencioso pacto.

Se não bastasse, as necessidades de consumo, que são sempre necessidades históricas, certamente redefiniram "prioridades" familiares de consumo a ponto de transformar necessidades novas, "naturalmente" impostas, em consumo conspícuo, se é que isto é possível quando se pensa no padrão de vida das classes trabalhadoras.

Até aqui só se falou de médias. A análise da variabilidade das distribuições de peso e altura mostrou que está ocorrendo também uma expansão da variabilidade relativa. Fenômeno já ruim por si só, mais se agrava quando, como

de fato aconteceu, a variabilidade se expande mais nos grupos de médias de menores valores. O aumento sofrido pelo coeficiente de variação de peso e altura para as classes inferiores atingiu valores que representam seis vezes o aumento observado para R₄.

Significa que aumentaram as probabilidades de produção de nanicos, de um lado, e de produção de gigantes, do outro. E que a distância entre eles — medida em centímetro e gramas — também aumentou. As classes trabalhadoras tiveram aumentada tanto a chance de chegar perto da normalidade quanto a de se verem lançadas no fosso da desnutrição. Já os filhos dos ricos só "correm o risco" de se tornarem mais fortes, altos e bonitos.

Por fim, encontraremos no Gráfico 2 as curvas de crescimento das classes R₄ e R₂ de Santo André em 1978 e a curva dos ginásianos da cidade de São Paulo no ano de 1942. Nessa época, funcionavam na capital apenas 66 ginásios, frequentados pelos filhos da melhor elite paulista. *Mutatis mutandis*, as famílias das classes proprietárias e seus funcionários de hoje, representadas por R₄, muito se aproximam das famílias dos ginásianos de São Paulo de 1942 em privilégios e condições de vida.

Pois note-se que, em 36 anos de mudanças sociais, a elite de hoje superou folgadoamente a elite de antanho. As classes trabalhadoras, a despeito de tanto progresso, conseguiram ficar abaixo. Que progresso!

NOTA SOBRE AS FONTES USADAS

Os dados de peso e altura para regiões brasileiras (ente no PNAD) acham-se em **Estudo Nacional da Despesa Familiar (ENDEF): Consumo Alimentar e Antropometria**, Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1977. Informações sobre as pesquisas de Santo André estão em **Crescimento e Desenvolvimento Pubertário em Crianças e Adolescentes Brasileiros**, Volume 1: *Metodologia*, por E. Marcondes, E. Berquó, R. Hegge, A. S. Colli e M. A. S. Zacchi, e Volume 2: *Altura e Peso*, por R. M. Marques, E. Marcondes, E. Berquó, R. Prandi e J. Yunes; São Paulo, Editora Brasileira de Ciências Ltda., 1982. A curva de Cuba foi extraída de J. R. Jordan — *Desarrollo Humano en Cuba*; Havana, Editorial Científico-Técnica, 1979. Para os dados norte-americanos, consultar P.V.V. Hamill et alii — *Physical Growth: National Center of Health Statistics Percentiles in Amer. J. Clin. Nutr.*, 32: 607. A curva dos ginásianos de 1942 se encontra em M. S. Rodrigues — *Contribuição para o estudo de algumas características sociais e biométricas de adolescentes da Cidade de São Paulo*, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim LXXXI, Estatística, nº 2, 1948. As fontes referentes às diversas localidades brasileiras urbanas e rurais estão arroladas e comentadas em M. A. M. Torres — **Estado nutricional e aspectos socioeconômicos de famílias rurais do Tópico Semi-Arido (Nordeste do Brasil)**; Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado em Nutrição em Saúde Pública, 1982, em que se analisa a situação referida do "Polígono das Secas". Nos gráficos aqui apresentados, aparecem apenas as curvas de altura para o sexo masculino. As curvas femininas, bem como as de peso para ambos os sexos, têm, obviamente, valores diferentes, mas suas formas e tendências seguem o mesmo padrão das curvas de altura apresentadas.

Novos Estudos Cebrap
SP, v. 1, 3, p. 10-15, julho 82